

SVEVA CASATI MODIGNANI

O JOGO DA VERDADE

Tradução de Regina Valente



PORTO EDITORA

1

Era um domingo de Abril. Roberta acordou cedo, saboreou o café sentada à mesa da cozinha, tomou um banho relaxante, em vez do habitual chuveiro apressado, e saiu de casa, enquanto os filhos e o marido ainda dormiam.

Assim que dobrou a esquina da rua, foi atingida por uma baforada de ar gelado que lhe fez lacrimejar os olhos. Havia já alguns dias que soprava sobre Milão um vento de norte que baixara bruscamente a temperatura primaveril. Enrolou a écharpe de seda à volta do pescoço e dirigiu-se à igreja. Para Roberta, ir à missa ao domingo era um hábito que a fazia sentir-se bem. O marido, pelo contrário, considerava que a religião era uma forma de opressão espiritual e os filhos, não sabendo de que lado se colocar, iam à missa com a mãe quando o pai estava fora da cidade, em trabalho.

Durante a celebração acompanhou mecanicamente a liturgia, porque os seus pensamentos voavam para outro lugar e, enquanto o padre comentava o Evangelho, elaborou a ementa do almoço: *minestrone* de legumes, novilho cozido com molho verde e batatas a vapor.

No regresso, parou na pastelaria em frente de casa e comprou umas bolas-de-berlim quentes, recheadas com creme de pasteleiro, para o pequeno-almoço de Oscar e das crianças.

Entrou em casa e ouviu imediatamente as suas vozes. Francesca, a filha de treze anos, e Matteo, de nove anos, riam e davam saltos e cambalhotas no sofá da sala. Da casa de banho chegava a voz de Oscar, que cantava o refrão de uma velha canção de amor e lágrimas de Patty Pravo.

Foi até à cozinha, aqueceu o leite, preparou o café, pôs a mesa, dispôs as bolas-de-berlim num prato e anunciou com uma voz forte: – O pequeno-almoço está pronto.

Os filhos abraçaram-na e depois atiraram-se aos bolos. Oscar, um bonito homem alto e loiro, com o rosto iluminado por um largo sorriso, apareceu a apertar o roupão de turco e deu-lhe um beijo na face, ao mesmo tempo que lhe sussurrava: – Obrigado, meu amor. Tu sabes como nos fazer felizes.

Aquele domingo tinha começado muito bem. Enquanto o marido e os filhos tomavam o pequeno-almoço, Roberta arejou os quartos e fez as camas.

Mais tarde, Oscar e as crianças foram à piazza del Duomo ver um espectáculo de bandeiras e ela foi para a cozinha.

A certa altura abriu a janela para deixar sair o vapor, mas voltou a fechá-la imediatamente, porque o vento gelado a fez estremecer.

Dado o carácter excepcional daquela vaga de frio, em alguns edifícios tinha sido reactivado o aquecimento central; mas no velho prédio da via Spartaco, onde Roberta vivia com a família, a quase totalidade dos moradores decidira suportar o frio em vez de fazer aumentar as despesas de condomínio.

Este facto tinha permitido a Oscar regressar mais uma vez ao assunto da casa. – Se te decidisses a reabrir a casa da via Turrone, podíamos gerir o aquecimento como nos apetecesse e poupávamos o dinheiro do aluguer – resmungara na noite anterior, com o tom amuado de uma criança.

Oscar nunca se preocupara em planificar as despesas da família e defendia a mudança para a via Turrone porque isso lhe permitiria oferecer uma pensão mais generosa à ex-mulher. Roberta

tinha percebido isso há muito tempo e não estava nada de acordo, porque a ex-mulher, dezoito anos após o divórcio, continuava a exigir o seu sustento como se fosse ainda a signora Trinchese.

Desaprovava a prodigalidade de Oscar relativamente a uma mulher ainda jovem, saudável e sem filhos, que se recusava a trabalhar. Ainda que com muitas cautelas, tentara por várias vezes levantar a questão, mas Oscar, que se sentia culpado, conseguia sempre mudar de assunto e ela, por vingança, opunha-se à reabertura da casa familiar. Era uma situação anómala, que lhe criava um mal-estar incomodativo; mas, para não discutir com o marido, preferia ganhar tempo convencendo-se de que, mais cedo ou mais tarde, tudo se resolveria.

Ouviu o ascensor parar naquele andar e, instintivamente, olhou a sua imagem no vidro da janela. Tirou o avental e ajeitou os cabelos escuros que lhe desciam sobre os ombros em madeixas macias e onduladas. O marido, apesar dos seus muitos defeitos, sabia oferecer-lhe momentos de ternura sublime, os filhos eram lindos e saudáveis e a sua profissão de livreira satisfazia-a bastante. Correu a abrir a porta e anunciou alegremente: – O almoço está na mesa. Depressa, lavar as mãos.

Francesca foi a primeira a entrar na cozinha, a saltitar sobre as pernas compridas de flamingo, e sentou-se à mesa.

Roberta deitou a sopa na terrina e a cozinha encheu-se com o perfume dos legumes condimentados com manjerição fresco.

– Uauuu, um *minestrone*! Que bom, com este frio – exclamou a rapariga, a agarrar os ombros com ar de velhinha.

Matteo, que tinha conseguido que o pai lhe comprasse o milionésimo carrinho, veio mostrá-lo à mãe como se fosse um troféu, ao mesmo tempo que imitava o ruído de um motor. Oscar estava atrás do rapazinho e sorria, enquanto esfregava as mãos por causa do frio. Cheirou o ar, o sorriso apagou-se-lhe imediatamente do rosto e franziu o nariz.

– Com certeza que não te foste lembrar de fazer um *minestrone* – queixou-se, ao ver a terrina fumegante no meio da mesa.

– Achei boa ideia, com este frio – justificou-se Roberta.

– Santo Deus! Chamas a isto almoçar? Já sabes que odeio *minestrone* – afirmou ele, com as mãos apoiadas na cadeira, sem se decidir a sentar-se à mesa.

Roberta percebeu que o marido estava apenas à procura de um pretexto para se ir embora, considerando ter já largamente cumprido os seus deveres de pai depois de ter levado os filhos a passear. Conhecia-o bem e sabia que Oscar estava a pensar em alguma coisa melhor do que continuar a fazer companhia à família. Como por exemplo ir até ao restaurante Da Gino, onde encontraria alguns colegas com quem poderia conversar e divertir-se.

Roberta tentou uma bóia de salvação.

– Eu faço-te um esparguete – propôs, sabendo já a resposta.

– Deixa lá. Só agora é que me lembrei que tenho de passar pela redacção para ver uns *dossiers* que me chegaram de Roma. – Acabou aquela frase mentirosa quando estava já no *hall* de entrada.

– O pai, como de costume, pôs-se a andar – comentou Francesca.

Roberta sentou-se à mesa e começou a servir o *minestrone* aos filhos, pensando que afinal aquele domingo não se estava a revelar tão bonito como ela tinha acreditado que ia ser.

– Já sabes que um fotógrafo de um jornal não tem horários – replicou, a tentar salvar o comportamento do marido.

Francesca calou-se e começou a comer.

Quando acabaram de almoçar, Matteo desceu ao terceiro andar, a casa do seu amigo Brunello, que fazia anos. Francesca ajudou a mãe a levantar a mesa e a encher a máquina da louça, e depois disse: – Tu nunca te zangas com o pai.

Roberta sentiu-se tocada pela consternação da filha e, não sabendo como responder, perguntou: – De que é que estás a falar?

– Não faças de conta que não entendes – censurou a filha, enquanto passava as mãos por água, no lava-louça.

Mais uma vez, Roberta procurou uma salvação.

– O pai tem os seus compromissos – afirmou.

– Não me contes histórias. Arranja sempre algum pretexto para ir à vida dele – declarou Francesca, traçando um perfil impiedoso do pai.

Naquele momento, a porta da cozinha abriu-se de repente e apareceu Oscar, com um sorriso radioso e um grande ramo de lilases, que estendeu à mulher.

Ela não mexeu um dedo para pegar nas flores e ele pousou-as na mesa, acariciou-lhe o rosto com ternura e beijou-a, enquanto sussurrava: – Flores perfumadas para a minha doce esposa.

Roberta sentiu vontade de o mandar para o diabo, mas calou-se. Virou-lhe as costas e fez de conta que estava a mexer em alguma coisa no lava-louça.

Oscar, abraçando-a por trás, suplicou-lhe: – Não me faças má cara. Eu não fiz nada de mal.

Era este o problema: nunca fazia nada de mal, mas estava permanentemente a fugir da família.

A campainha da rua tocou. Francesca, que os tinha observado em silêncio, correu até ao *hall* para atender, ao mesmo tempo que admoestava a mãe: – Agora vê lá se dás o braço a torcer.

– Ela está zangada comigo? – perguntou Oscar, espantado, referindo-se às palavras da filha.

– E com quem havia de ser?

Oscar reforçou o abraço em volta dos ombros da mulher, deu-lhe um beijo entre o pescoço e o ombro e replicou: – Vá lá a gente entender as crianças de agora.

Francesca apareceu à porta da cozinha, vestindo o blusão de ganga.

– A Karin está à minha espera lá em baixo. A mãe vai levar-nos ao Palácio do Gelo.

Oscar estendeu uma mão para a filha. Ela esquivou-se e, no momento em que ia sair, disse-lhe com um sorriso: – A mim não me enganas tu.

Aquela declaração, só aparentemente brincalhona, irritou Oscar.

– Tu não dizes nada? – perguntou à mulher, agastado.

Uma força nova impediu Roberta de lhe fazer a vontade.

– Digo que devias olhar a realidade de frente e reflectir sobre a reacção da Francesca – afirmou.

Logo a seguir também ela saiu da cozinha, agarrou rapidamente no casaco e na carteira que estavam no *hall* de entrada e precipitou-se pelas escadas abaixo, sem esperar pelo elevador. Não valia a pena continuar a convencer-se de que Oscar ia mudar. Também para ela tinha chegado o momento de olhar a realidade de frente e constatar que não era uma mulher serena e satisfeita.